

Ovanes Akopyan. Ed. *Fate and Fortune in European Thought, ca. 1400-1650*. Leiden and Boston: Brill, 2021. 288 p. ISBN: 9789004359727. Cloth: € 129.32

Revisto por PAULA OLIVEIRA E SILVA
Universidade do Porto
psilva@letras.up.pt

Com direção editorial de Ovanes Akopyan, o objetivo deste volume é mostrar as diversas facetas das abordagens sobre o fado e a fortuna na Europa, desde o Renascimento e até ao início da modernidade. Como refere Akopyan, embora as diferentes expressões do problema percorram toda a história da filosofia e a reflexão sobre o tema tenha assumido diferentes aspetos desde a antiguidade até aos nossos dias, a questão “whether free will and predestination are in fundamental conflict with each other” (1) foi alvo de uma atenção renovada na Europa, principalmente “as a consequence of the revival of an avalanche of forgotten sources, mostly of ancient origin” (1). Os estudos apresentados neste volume – que resultou, em larga medida, de um congresso que teve lugar na Universidade de Marwick em maio de 2016 – estão organizados a partir de uma abordagem interdisciplinar do tema do fado e da fortuna, que, segundo Akopyan, se situa “at the intersection of intellectual history, philosophy, literary studies, and art history” (2). Este facto justificou a organização do volume em torno de três tópicos principais: filosofia, política e sociedade, e história de arte. A divisão interna do volume apresenta-se deste modo: *Part 1 – The Concept of Fate in Philosophy and Theology* (13-94); *Part 2 – Political and Social Context* (95-147); *Part 3 – Artistic Considerations* (183-258). Segue-se uma bibliografia (259-284) e um *Index Nominum* (285-288). Uma vez que os estudos 7 a 10 deste volume, que intercetam as áreas da sociedade e da arte, se fazem acompanhar por diversas reproduções de imagem em número total de 49, nas pp. VII-IX é fornecida uma lista das Figuras.

A estrutura interna do volume está orientada para as três áreas temáticas mencionadas, de modo a servir o objetivo principal desta publicação, que consiste em mostrar a variedade de abordagens do tema do fado e da fortuna que ocorrem no início da modernidade. Assim, como explica Akopyan, “the first four essays center on the concept of fate in Renaissance and early modern philosophy”, o segundo conjunto de estudos foca-se em “the political and societal factors that defined the discourse on fate and fortune in the early moderne period”, e o terceiro e último grupo de ensaios “focuses essentially on the artistic representation of fate” (9-10). No que se segue resumimos os aspetos que nos pareceram mais relevantes em cada um destes ensaios.

Em “Renaissance Consolations: Philosophical Remedies for Fate and Fortune”, John Sellars foca-se na forma literária da *consolatio* por considerar que, desde a antiguidade até ao Renascimento, esta literatura serviu de veículo para uma reflexão filosófica sobre o problema do fado e da fortuna. Segundo Sellars, um aspeto peculiar da abordagem destes temas na literatura de consolação é o facto de aí serem apresentados remédios para a cura dos males que ocorrem na vida humana e que, nesta literatura, aparecem associados aos

reveses da fortuna e do fado. Sellers parte de uma análise do *background* deste problema tal como ocorrem nas obras de Cícero e Séneca, para posteriormente centrar a sua análise num conjunto de obras que se podem enquadrar na tradição literária da *consolatio*, escritas por autores do Renascimento (Petrarca, Salutati, Bracciolini, Filelfo, Scala e Ficino). Paul Richard Blum, por sua vez, no ensaio “Coluccio Salutati and the Humanist Critique of Fate”, põe em evidência a análise subtil feita por este filósofo renascentista acerca das forças do fado e da fortuna, com vista a mostrar que elas são, afinal, instrumentos da providência divina para que o ser humano, mediante o uso da sua liberdade, faça uso racional e livre dos efeitos contingentes que essas forças produzem na vida dos homens. No ensaio “Fate, Providence and Fortune in Giordano Bruno’s *Expulsion of the Triumphant Beast*”, Elisabeth Blum descreve o uso que este filósofo faz destes conceitos, nesta obra, com o objetivo de mostrar que, segundo este filósofo, essas forças operam de modo rival e contrastante, enquanto princípios causais que regem o curso dos fenómenos naturais. O ensaio de Jo Coture, sobre os conceitos de fortuna e fado em Pierre Gassendi, encerra a primeira parte deste volume. Com base na leitura e análise da obra de Gassendi *De libertate, fortuna, fato ac divinatione*, Coture mostra como este filósofo, construindo sobre a longa tradição precedente, encontra argumentos inovadores para compatibilizar a liberdade humana com a atividade causal destas forças cósmicas e divinas, tradicionalmente conotadas com ameaças ou impedimentos à liberdade.

A parte 2 deste volume, focada no contexto político e social, abre com o ensaio “Fate and Fortune in Machiavelli’s *Anatomy of the Body Politic*” (95-117), no qual Guido Giglioni mostra como a interpretação de Machiavelli sobre os ciclos da vida das estruturas políticas, como a cidade e o estado, se baseia na convicção de que toda a história humana é movida por impulsos vitais e primários, como sejam “the desire to have and the fear to lose what one already has, which is also mirrored by the desire to be free and the anxiety about other people’s freedom” (117). Segundo Machiavelli, este movimento antagónico entre impulsos estaria na origem das crises e tumultos permanentes na vida da comunidade. Enquanto movimentos vitais primários e contraditórios, medo e desejo estão na base de comportamentos destrutores, os quais, ínsitos fatalmente no ciclo da vida humana e na história, levam necessariamente a humanidade à autodestruição. No ensaio “‘Fortune is a Mistress’: Figures of Fortune in English Renaissance Poetry” (118-147), Orland Reade constata que se a Fortuna foi considerada na Antiguidade como uma deusa benéfica, nas fontes filosóficas e literárias medievais o seu papel aparece diminuído e os discursos contra a fortuna multiplicam-se. Contudo, se é verdade que o Renascimento voltou a prestar atenção à figura da Fortuna, também o não fez da forma mais positiva. Reade foca-se na obra poética de alguns escritores do renascimento inglês e mostra que as descrições que aí ocorrem da Fortuna estão frequentemente associadas a atitudes discriminatórias de género ou de raça, facto que se verifica se, como faz Reade, nos ativermos às figuras que representam, em alguma desta poesia, a fortuna e o fado. No último ensaio desta parte 2, Sophie Raux escreve sobre jogos de acaso nos Países Baixos durante os séculos XVI e XVII (148-179). Raux chama a atenção para o facto de este período da história europeia, marcado por mudanças profundas no plano teológico e religioso, ter colocado no centro das

preocupações dos homens a questão sobre os princípios que governam o destino humano (148). No seu ensaio, profusamente ilustrado com representações da época de jogos de sorte e de lotaria, Raux defende que as crises nas crenças religiosas e filosóficas tiveram forte impacto social, sendo uma das manifestações deste facto o desenvolvimento, particularmente visível nos Países Baixos, de múltiplas formas de jogos de sorte.

A parte 3 e última deste volume é composta por três ensaios. Damiano Acciarino, em “Renaissance Iconology of Fate” (183-214), identifica três figuras arquetípicas do discurso sobre o Fado e a Fortuna entre os séculos XIV e XVII: “Fate as Death”, “Fate as Star” e “Fate as Chain” (185). Ilustrando estas três figuras com representações diversas da época, Acciarino constrói o seu ensaio em torno da descrição destes três tipos de fado, que se manifesta na condição humana, no movimento dos astros ou no percurso causal da natureza. Por sua vez, o ensaio de Dalia Jodovitz (215-232) baseia-se numa análise de algumas pinturas de Georges de La Tour representando quer cenas da vida social da época, quer cenas bíblicas, com o objetivo de mostrar como este pintor se posicionou sobre os temas do fado, da fortuna e da providência. O ensaio de Ovanes Akopyan, “Ptolemy, Fortune, and Politics: A Case of the Reception of Western Scholarship in Early Modern Russia” (233-258), que encerra este volume, analisa um caso particular de uso e adaptação de elementos específicos encontrados nas representações artísticas do mundo ocidental em dois ícones russos, atribuídos ao pintor Simon Ushakov. O ensaio de Akopyan está construído sobre três aspetos fundamentais: a discussão do problema da autoria das pinturas e a correspondente análise das razões da sua atribuição ao pintor russo setecentista; a análise dos esquemas iconográficos das duas pinturas e a abordagem do problema do fado e da fortuna, nelas presente, e a descrição do contexto político e cultural em que essas duas pinturas foram produzidas.

O presente volume é um excelente contributo para o conhecimento do tema do Fado e da Fortuna no arco temporal sobre o qual incidem estes estudos. A abordagem multidisciplinar, que se manifesta nos diversos campos de especialidade dos autores do volume, permite obter uma compreensão clara do modo como questões relacionadas com estes grandes temas da tradição filosófica e cultural foram tratadas no período que decorre entre o Renascimento e o início da idade moderna. Dada a relevância das questões coimplicadas na temática do fado e da fortuna – tais como a existência da liberdade humana e a análise das ameaças a esta liberdade nos campos teológico, cosmológico ou psicológico – , esta obra contribui muito substancialmente para um melhor conhecimento do contexto cultural, social, político, religioso e artístico, no qual, entre os séculos XV e XVII, tiveram origem importantes mudanças de posicionamento e tentativas de resolução das questões filosóficas mencionadas.